

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Edson Claudio Ferreira Laranja, Marcela Francisco Pena, Maria Eduarda dos Santos do Nascimento¹, Grace Kelly da Silva Dourado²

¹Acadêmico do curso de Enfermagem

²Professora Mestre – Docente Multivix – Serra

RESUMO

Introdução: A violência contra a mulher é uma temática de grande relevância na atualidade, visto que, houve uma elevação nos casos. O atendimento das vítimas na atenção primária de saúde ocorre através de orientações e encaminhamentos conforme a gravidade. Objetivo: Analisar a abordagem dos profissionais de enfermagem no atendimento as vítimas de violência direcionada à mulher. Métodos: Estudo de pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa de natureza básica do tipo exploratória, tendo como base de dados a Biblioteca Virtual de Saúde, usando os descritores: Violência contra a mulher; Violência doméstica; Enfermagem; Atenção primária. Seleccionados artigos completos, disponíveis em língua portuguesa que correspondesse a temática entre 2018 e 2023. Ao final, foram seleccionados 9 artigos para a produção de conteúdo. Resultados: No estudo observou-se a atuação do enfermeiro diante dos casos de violência contra a mulher na atenção primária e estratégias para a redução desses eventos. Conclusão: Infere-se que, diversos fatores agravantes influem na conduta do enfermeiro no acolhimento de vítimas de violência, contudo, seu agir deve ser pautado em cima da promoção de saúde e bem-estar da mulher.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; Enfermagem; Atenção primária.

1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher atinge grande parte das mulheres no Brasil, e apesar da criação de leis e medidas de proteção, não houve redução dos casos. Identificou-se que as justificativas estavam ligadas não só a estrutura patriarcal da

sociedade, mas também a não notificação dos eventos, a isenção dos agressores e a falta de redes de apoio as vítimas.

De acordo com o art. 5º da Lei 11.340, Lei Maria da Penha, a violência contra a mulher é a ação ou omissão que acarrete morte, sofrimento físico, psicológico, sexual, dano patrimonial ou moral e lesões as mulheres. (BRASIL, 2006). Segundo o art. 6º da Lei 11.340, sancionada 07 de agosto do ano de 2006, a Lei Maria da Penha, a agressão em suas variadas formas às mulheres constitui uma violação dos direitos humanos. (BRASIL, 2006).

Em um grupo de três mulheres, pelo menos uma é vítima de violência sexual ou física sendo ela por um agressor que está em seu convívio ou por qualquer outro. O Estado e a comunidade devem assegurar às mulheres o benefício de conviver sem violência. (VIEIRA; GARCIA; MARCIEL, 2020).

As mulheres devem se sentir seguras em seu lar mesmo que já tenham sofrido violência, a lei deve assegurar que seu agressor seja ele seu marido, namorado ou companheiro não volte a praticar atos violentos novamente e nos casos de medidas protetivas assegurar que o agressor não permaneça próximo a vítima. As mulheres que sofrem a violência não relatam a agressão sofrida muitas das vezes por medo.

O atendimento das vítimas de violência é realizado na atenção primária, onde ocorrem os primeiros cuidados com a mulher e as devidas orientações e encaminhamentos. Para diminuição dos casos é necessário a promoção de campanhas, criação e divulgação das redes de acolhimento, divulgação de informações e propagação de medidas de prevenção.

No ano de 2021, os dados de violência letal contra a mulher somaram 1.319 vítimas de feminicídio, com redução de 2,4% no número de vítimas e 56.098 estupros abrangendo os vulneráveis, exclusivamente do gênero feminino, com um crescimento de 3,7% em relação ao ano de 2020. (BUENO et al., 2021).

Com base nos dados de danos à saúde da mulher, a violência doméstica é causa de vigilância epidemiológica contabilizada através das notificações compulsórias as quais são essenciais para dados estatísticos. É crucial que o profissional de saúde oriente e encaminhe para as redes de assistência os casos diante da suspeita ou confirmação de violência.

Este estudo teórico tem como delimitação do tema analisar a violência contra a mulher em suas diversas formas, com especial atenção à intervenção do enfermeiro

nesses casos. Pretende-se abordar as dificuldades que os profissionais de enfermagem enfrentam frente a esses casos e propor estratégias para prevenir a violência em todo o país, dada a notável elevação no número de incidentes. Foi definida a questão norteadora: Qual o papel do enfermeiro no atendimento a vítimas de violência contra a mulher no Brasil?

Ademais, foi estabelecido como objetivo geral analisar a abordagem dos profissionais de enfermagem no atendimento às vítimas de violência direcionada à mulher. E tem como objetivos específicos verificar como as iniciativas de conscientização e educação realizadas pelos profissionais de saúde impactam diretamente na redução de casos, listar os desafios enfrentados na abordagem dos casos e analisar estratégias para redução dos casos de violência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

Durante os anos, a violência direcionada às mulheres tem sido um tema cada vez mais abordado pela sociedade. Esses atos de violência estão cada vez mais frequentes caracterizando um problema de saúde pública e um problema social que atinge não só as mulheres do Brasil, mas do mundo todo.

Segundo a Lei 11.340, as diferentes formas de violência contra as mulheres incluem os tipos: física, financeira, ao seu patrimônio, psicológica e sexual. (BRASIL, 2006). Em um grupo de três mulheres, pelo menos uma é vítima de violência sexual ou física sendo ela por um agressor que está em seu convívio ou por qualquer outro.

A violência contra a mulher prejudica milhares de meninas e mulheres em todas as faixas etárias, podendo até mesmo interromper suas trajetórias. A agressão à mulher pode resultar em riscos de morbidade e danos à saúde, como morte por homicídio ou suicídio, depressão, ansiedade, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez e as crianças e adolescentes que convivem em ambientes violentos sofrem impactos na saúde física e psicológica, o que torna esse tipo de violência uma questão que impacta toda a sociedade.

Uma das estratégias para combater o aumento do número de vítimas de violência doméstica é a expansão dos canais de denúncia como o disque-ajuda e os

sites de ouvidoria para registro e notificação das denúncias, no entanto, essas ações não são satisfatórias, já que o principal obstáculo para combater a violência direcionada as mulheres é a implementação de uma rede de serviços que inclua diversos programas e projetos, estabelecendo uma política pública para a assistência efetiva. A eliminação da violência requer uma transformação na mentalidade machista, reduzindo a dominação e o controle de um indivíduo sobre o outro. (SOUZA; FREITAS, 2022).

Para o combate a essa forma de violência é necessário a mudança no machismo enraizado na cultura da sociedade e na punição nos casos de violência. Para resolver os casos de violência contra a mulher é necessário garantir que a punição seja efetiva. Tendo a certeza das consequências, as vítimas estariam amparadas e mais confiantes a denunciar a agressão sofrida. (SAFIOTTI, 2015). No entanto, a proteção não deve ser vista apenas como uma medida repressiva, mas também como um meio de prevenção, desencorajando potenciais agressores a cometerem tais atos. Isso requer ações coordenadas entre as autoridades judiciais, as forças de segurança e as organizações da sociedade civil.

Em última análise, a eliminação da violência contra a mulher exige uma abordagem multifacetada, que inclui não apenas medidas de prevenção e proteção efetivas, mas também a promoção de uma cultura de igualdade de gênero e a sensibilização do público. É um desafio complexo, mas é um compromisso que a sociedade como um todo deve abraçar, garantindo que as mulheres vivam vidas livres de medo e violência.

2.2 IDENTIFICAÇÃO E INTERVENÇÃO PRECOCE DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Hodiernamente a violência contra a mulher desponta como mazela que afeta diretamente a saúde pública. Segundo a portaria 2.436 de 21 de setembro de 2017, as unidades de atenção primária são a porta de entrada dos serviços de saúde. (BRASIL, 2017).

A primeira etapa para os cuidados de saúde é a atenção primária, que é integrada pelas Unidades Básicas de Saúde (UBS), a Equipe de Saúde da Família (ESF), o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) e os agentes comunitários. É o

local onde as vítimas de violência buscam cuidados e ações de promoção e prevenção à saúde, o que estabelece um vínculo de confiança entre os profissionais e as mulheres.

Os profissionais de saúde integram a atenção primária realizam a identificação, intervenção e prevenção prévia de casos de violência contra a mulher sendo necessária a educação continuada. (MENDONÇA et al., 2018).

A atenção primária de saúde é o ponto de partida para garantir a segurança e o bem-estar das mulheres que vivenciam situações de violência. As unidades básicas, juntamente com a ESF e o NASF, estabelecem um ambiente favorável para que as vítimas confiem nos profissionais de saúde e busquem ajuda. É crucial que os enfermeiros e outros membros da equipe sejam treinados para identificar os sinais e sintomas de violência, proporcionando um atendimento humanizado que respeite a dignidade das mulheres.

Além disso, o enfermeiro desempenha um papel fundamental na criação de um espaço seguro e acolhedor durante as consultas, incentivando as vítimas a compartilharem suas experiências. As mulheres geralmente procuram assistência de saúde em situações graves, tornando a identificação precoce da responsabilidade dos profissionais de enfermagem.

O atendimento integral, sem julgamentos, é essencial para permitir que as vítimas fiquem confortáveis em reconhecer e denunciar a violência, recebam o encaminhamento adequado as redes de apoio onde encontrarão disponível acesso a recursos e suporte especializado, seja por meio de aconselhamento psicológico, orientação jurídica, abrigo seguro ou assistência multiprofissional de saúde e, em casos mais graves, sejam encaminhadas para hospitais onde receberão o devido atendimento.

2.3 ASSISTÊNCIA HUMANIZADA E NOTIFICAÇÃO DE CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Os profissionais de saúde devem receber treinamento contínuo sobre a assistência às mulheres vítimas de violência doméstica, bem como as possíveis intervenções e ações de cuidado humanizado. Na consulta de enfermagem, é possível

identificar a violência sofrida pela vítima e elaborar um plano de cuidado adequado, atendendo às necessidades e respeitando seus direitos.

É de grande importância que o profissional de enfermagem tenha papel ativo nas ações e esteja apto a identificar casos de violência e encaminhá-los conforme a necessidade. Na consulta de enfermagem, é dever do enfermeiro identificar sinais e sintomas que possam estar relacionados à violência, como, por exemplo, lesões, hematomas, queimaduras, entre outros.

O suporte oferecido pela enfermagem a vítimas da violência doméstica precisa ser programado a proporcionar acolhimento, segurança, respeito e satisfação. O planejamento das políticas públicas de saúde é essencial para a segurança das vítimas e a prevenção de futuros novos casos de VCM. (AGUIAR, 2013).

Os profissionais de enfermagem devem oferecer cuidados de saúde abrangentes, sem preconceitos ou discriminações, com o objetivo de criar um ambiente que seja acolhedor e proporcione segurança aos pacientes para que a vítima possa relatar a violência sofrida, receber o encaminhamento devido para as redes de acolhimento, abrigo ou hospital em casos de maior gravidade e assim o profissional realizar a notificação compulsória.

Os profissionais de enfermagem por estar presente em tempo integral ao lado dos clientes, podem reconhecer os casos de violência contra a mulher, colaborando para a quebra do silêncio da mulher vítima da violência através de informações sobre os serviços de apoio à mulher. Através da comunicação a confiança no sigilo e a escuta fortalecem o vínculo do profissional de enfermagem com a vítima de violência através da comunicação, sendo um ponto positivo no cuidado dessa mulher. É obrigatório que o profissional de enfermagem notifique os casos duvidosos ou confirmados de violência, garantindo a visibilidade ao ocorrido. (ACOSTA et al., 2018).

Ao ficar próximo do paciente, o profissional de enfermagem pode identificar situações de violência. A criação de um vínculo entre o enfermeiro e a vítima ajuda a mulher a relatar a violência com mais facilidade. O papel do enfermeiro na atenção primária, diante de situações de violência misógina, envolve primeiramente acolher as vítimas de forma empática e criar um espaço seguro onde elas se sintam à vontade para compartilhar suas experiências de violência.

Além disso, o enfermeiro deve prestar cuidados relacionados a dor e aos traumas sofridos pelas vítimas, garantir a notificação obrigatória das ocorrências e encaminhar as vítimas para redes de apoio e acolhimento. Em casos mais graves, é necessário encaminhá-las para atendimento hospitalar adequado.

Mesmo com todo o apoio as mulheres, os efeitos da violência podem acarretar danos que afetam suas vidas, causando depressão, crises de ansiedade e até o suicídio. (ROCHA; SOKOLONSKI, 2022).

A enfermagem pode auxiliar na redução dos casos de agressões contra a mulher, ampliando e divulgando as redes de apoio e acolhimento as vítimas, criando campanhas voltadas para a temática, divulgando informações de como identificar a violência e medidas de prevenção, promovendo rodas de conversas entre as vítimas para a troca de conselhos e experiências e a disseminação da cultura de paz.

3 METODOLOGIA E MÉTODO DE PESQUISA

O projeto foi estruturado por uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa de natureza básica do tipo exploratória, onde foi considerado o objetivo principal de analisar a abordagem dos profissionais de enfermagem no atendimento as vítimas de violência direcionada à mulher. Segundo Andrade (2021), a Revisão Integrativa é caracterizada como uma pesquisa criteriosamente planejada, seguindo critérios bem estabelecidos e sistemáticos para a seleção e sumarização dos estudos. Diferentemente da Revisão Sistemática, seu propósito está em responder a questões de pesquisa mais amplas, oferecendo flexibilidade para abranger uma variedade de estudos, sejam eles quantitativos, qualitativos ou teóricos. Adicionalmente, proporciona uma visão mais abrangente dos estudos resumidos, podendo englobar informações de natureza teórica, metodológica e empírica.

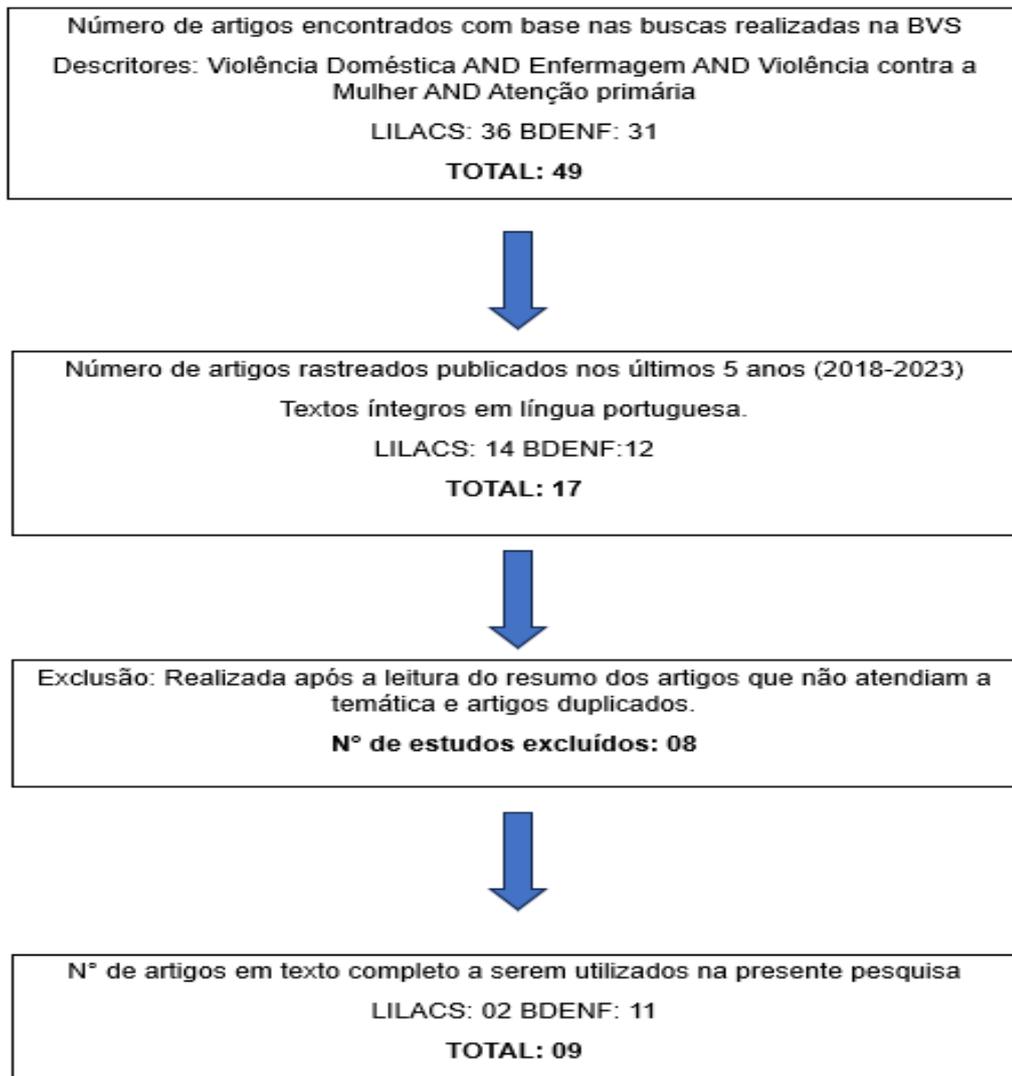
Quadro 1 – Componentes da pergunta de pesquisa, seguindo-se o anagrama de PICO.

Acrônimo	Descrição	Componentes da questão
P	População	Enfermeiros
I	Intervenção	Cuidados de enfermagem
CO	Contexto	Atenção primária

Fonte: Produzido pelos autores.

Foi realizada uma busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), através das bases de dados eletrônicas: Banco de Dados em Enfermagem (BDENF) e Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). A busca foi realizada no mês de setembro do ano de 2023, no qual foram utilizados os descritores: Violência contra a mulher; Violência doméstica; Enfermagem; Atenção primária. Os critérios de inclusão foram: artigos científicos, publicações na língua portuguesa com texto completo disponível e que atendessem a temática do estudo entre 2018 e 2023 e os critérios de exclusão foram artigos duplicados, não traduzidos e revisão de literatura. A pré-seleção de artigos foi feita a partir da leitura inicial dos resumos e os estudos selecionados foram lidos em sua totalidade com uma análise crítica para que se encaixassem no tema abordado no estudo. Essa pré-seleção e seleção dos artigos está representada no quadro 2. Os 9 artigos selecionados foram colocados em tabela de maneira individual, através de títulos, autoria, ano, periódico, objetivos, métodos e suas considerações finais.

Figura 1 – Fluxograma da seleção de estudos sobre a atuação do enfermeiro na violência contra a mulher.



Fonte: Produzido pelos autores.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dessa maneira, surgiram 09 artigos provenientes das bases de dados pesquisadas utilizando o método de busca da figura 1, os quais foram lidos completamente para a elaboração do conteúdo. Os resultados mostram a atuação do enfermeiro na violência contra a mulher e os cuidados de enfermagem para as vítimas na atenção primária (quadro 2).

Quadro 2 - Tabela de artigos analisados.

Título	Autoria, ano, periódico	Objetivo	Métodos	Considerações finais
Dispositivos de poder empregados por homens na violência doméstica contra a mulher: perspectiva de enfermeiros.	Amarijo et al., 2022, J. nurs. Health.	Conhecer os dispositivos de poder empregados pelos homens na ocorrência da violência doméstica contra a mulher, na perspectiva de enfermeiros da Atenção Básica.	Pesquisa qualitativa.	Sob a ótica dos enfermeiros, os homens utilizam dispositivos de poder materiais e não materiais dentro dos relacionamentos. Ações de enfrentamento da violência não podem manter seu foco exclusivamente nas mulheres devido ao risco de permanecer irresoluta.
Modelo teórico-explicativo do cuidado à mulher em situação de violência na atenção primária.	Carneiro et al., 2022, Texto & contexto enferm.	Elaborar um modelo teórico-explicativo do cuidado à mulher em situação de violência por parceiro íntimo no âmbito da Atenção Primária à Saúde.	Estudo com abordagem qualitativa.	Nesse sentido, o estudo aponta para a importância de ações da gestão para o alcance de desfechos favoráveis para o empoderamento feminino e o consequente enfrentamento da violência.
Condições que interferem no cuidado às mulheres em situação de violência conjugal.	Carneiro et al., 2021, Esc. Anna Nery Rev. Enferm.	Conhecer as condições que interferem no cuidado às mulheres em situação de violência conjugal.	Estudo qualitativo ancorado na Teoria Fundamentada nos Dados.	O estudo revelou que o cuidado à mulher em situação de violência conjugal perpassa pelo preparo profissional, pela organização dos serviços de saúde e um fluxo de atendimento articulado e intersetorial.
Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária à saúde.	Silva, Viviane Graciele da; Ribeiro, Patrícia Mônica, 2020 Esc. Anna Nery Rev. Enferm.	Compreender como os enfermeiros que atuam na Atenção Primária à Saúde identificam a violência contra as mulheres e descrever a assistência de enfermagem prestada a essas mulheres.	Estudo descritivo e de abordagem qualitativa.	A assistência de enfermagem às mulheres em situação de violência é de difícil abordagem na Atenção Primária à Saúde, o que é agravado pela dificuldade da mulher em revelar a violência e do profissional incapaz de reconhecer as situações que envolvem violência.
Percepções de enfermeiros da atenção primária no atendimento às mulheres vítimas de violência sexual.	Mota, Juliana Arrais; Aguiar, Ricardo Saraiva, 2020, Nursing (Ed. bras., Impr.).	Analisar a percepção dos enfermeiros sobre o atendimento às mulheres vítimas de violência sexual na atenção primária.	Estudo de natureza descritivo-exploratório com abordagem qualitativa.	Torna-se necessário uma abordagem indireta do enfermeiro as vítimas de violência, bem como a incorporação da temática na graduação e a realização de educação permanente aos profissionais.

Violência contra as mulheres: atuação da enfermeira na atenção primária à saúde.	Sehnem et al., 2019, Rev. enferm. UFSM.	Conhecer a atuação da enfermeira nas Estratégias Saúde da Família frente à violência contra as mulheres.	Pesquisa qualitativa, descritiva.	Essa investigação aponta para a necessidade de discussões da temática nos espaços acadêmicos e nos serviços e a integração e articulação da rede de atenção.
Contexto da violência conjugal em tempos de maria da penha: um estudo em grounded theory.	Carneiro et al., 2019, Cogit. Enferm. (Online).	Desvelar o contexto da violência conjugal experienciados por mulheres em processo judicial.	Método pesquisa qualitativa.	O contexto de violência experienciado na conjugalidade feminina se manifesta de diferentes formas, passíveis de identificação por profissionais de saúde, o que possibilita ação de cuidado à mulher e enfrentamento da problemática.
Assimilação teórica e prática da violência doméstica: profissionais de enfermagem atendendo vítimas na atenção primária.	Amarijo et al., 2018, Rev. enferm. UERJ.	Analisar a assimilação teórica e prática acerca da violência doméstica contra a mulher (VDCM) entre profissionais de enfermagem, considerando o atendimento às vítimas em unidade de saúde da família.	Pesquisa qualitativa.	A representação estruturada contendo imagem, conceito e atitude expõe a influência do contexto profissional. Acredita-se que a articulação, em rede, dos serviços de proteção e assistência às vítimas, tornaria o atendimento mais efetivo, resolutivo e integral às mulheres assistidas na atenção básica.
Violência contra a mulher: como os profissionais na atenção primária à saúde estão enfrentando esta realidade?	Santos et al., 2018, Saude e pesqui. (Impr.).	Identificar as formas de assistência prestada pelos profissionais da atenção primária à mulher vítima de violência no município de Buíque (PE).	Estudo exploratório-descritivo, abordagem qualitativa.	Concluiu-se que são necessárias capacitações para os profissionais que compõem as equipes a fim de que eles sejam capazes de ofertar uma assistência integral a essas mulheres.

Fonte: Produzido pelos autores.

Após estudo dos artigos foram elaboradas 3 categorias, de acordo com a temática de atuação do enfermeiro na violência contra a mulher na atenção primária.

4.1 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL

A violência doméstica não é fenômeno novo, ocorre desde os tempos antigos devido a cultura e a classe social. (AMARIJO et al., 2022). As mulheres podem sofrer violência: patrimonial, moral, psicológica, física e sexual. (SEHNEM et al., 2019). Embora tenha sido promulgada a Lei Maria da Penha, a violência doméstica persiste como uma séria questão de saúde pública, impactando significativamente a saúde das mulheres. A identificação dos casos de violência doméstica é um obstáculo para os profissionais de saúde. (CARNEIRO et al., 2019).

O medo vivenciado pela mulher faz com que ela seja submissa ao homem. As mulheres vítimas de violência doméstica sentem medo de viver a independência sem seu cônjuge no auxílio da criação de seus filhos e no sustento do lar. Outrossim, enfatiza que uma mulher vítima de violência doméstica muitas vezes se abstém de fazer denúncias devido à sua dependência financeira do agressor, visto que, há a necessidade de manter a si e seus filhos, quando que para isso existem programas sociais que apoiam as mulheres vítimas e proporcionam auxílio e moradia até se estabelecerem. (AMARIJO et al., 2022).

Os atendimentos as vítimas de violência doméstica devem constituir a escuta e o acolhimento para que as mulheres se sintam mais dispostas a falarem sobre o que vivenciam em seu cotidiano. (AMARIJO et al., 2022). A identificação da violência contra a mulher se dá através da escuta e principalmente através do exame físico e anamnese. (SILVA; RIBEIRO, 2020).

Os profissionais de enfermagem relatam dificuldade nas mulheres vítimas de violência em expor devido a insegurança e o medo. O profissional de saúde para que consiga realizar o atendimento deve conversar e escutar essa vítima e acolher ou realizar o devido encaminhamento. Desde que tenha a suspeita de violência deve realizar a notificação. A assistência prestada as vítimas de violência doméstica na atenção primária contribuem para medidas de prevenção, promoção e recuperação da saúde. (SILVA; RIBEIRO, 2020).

O enfermeiro é de suma importância no atendimento as vítimas de violência doméstica através do acolhimento e encaminhamento, mas também na educação contínua preparando os profissionais que estão sob sua responsabilidade para a detecção desses casos. A assistência prestada pelos enfermeiros da atenção primária

a mulheres vítimas de violência se inicia com o acolhimento e finaliza com o encaminhamento seja para as redes de apoio ou para hospitais em casos mais complexos. (SILVA; RIBEIRO, 2020).

Atuar na violência contra as mulheres é algo desafiador para os profissionais de enfermagem, uma vez que, se fala pouco a respeito da temática. Um dos pontos que impedem o atendimento a vítima é o despreparo dos profissionais que ocorre desde a graduação. (SEHNEM et al., 2019).

4.2 TIPIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

O ambiente matrimonial vivenciado por mulheres que sofrem violência é caracterizado por várias manifestações, como a violência patrimonial, psicológica, moral, sexual e física. Neste estudo, o abuso patrimonial se revela através de ações que envolvem retenção, apropriação e até mesmo a destruição parcial ou completa de pertences, documentos pessoais, propriedades, recursos financeiros e bens, incluindo aqueles destinados a atender às suas necessidades básicas. (CARNEIRO et al., 2019).

Ainda, destaca que, entre todas as manifestações de violência, somente aquelas que incluem danos físicos não requerem que a mulher apresente uma denúncia. Nas outras formas de violência definidas pela Lei Maria da Penha, o processo legal só avançará e a pessoa agressora poderá ser responsabilizada se a vítima mesma proceder com a representação. (CARNEIRO et al., 2019).

É possível notar a naturalização da violência de gênero, decorrente da vivência da violência intergeracional, que está enraizada na sociedade falocrática contemporânea. Observar situações de violência contra mulheres na própria família, incluindo mães, irmãs e até avós, contribui para que essa violência permaneça encoberta dentro dos lares, tornando-se parte das dinâmicas familiares e dessensibilizando as futuras gerações que crescem em ambientes violentos. (AMARIJO et al., 2022).

Aponta também que profissionais de enfermagem mencionam que os homens empregam dispositivos de poder, tanto materiais quanto não materiais, para manter o domínio nas relações conjugais. Entre os dispositivos materiais, incluem-se a

dependência financeira da mulher em relação ao agressor e o uso de álcool e drogas. Já os dispositivos não materiais referem-se à cultura e à educação dos filhos. Esses dispositivos podem ser usados de maneira inconsciente, uma vez que as normas de gênero e as atribuições de papéis sociais historicamente estabelecidos perpetuam as desigualdades de poder nas relações afetivas, respaldando o domínio masculino em uma sociedade patriarcal. (AMARIJO et al., 2022).

Outrossim, os enfermeiros ressaltaram que o uso de drogas psicoativas, sejam elas lícitas ou ilícitas, é um dos dispositivos de poder material usado pelos homens, sendo que o álcool é frequentemente associado a desencadear comportamento agressivo. No caso de drogas ilícitas, como cocaína e crack, elas também são identificadas como desencadeadoras de violência. O consumo dessas substâncias altera os níveis sensoriais e diminui inibições, contribuindo para a ocorrência de violência nas relações conjugais. A prevenção e a conscientização sobre os efeitos prejudiciais do uso dessas substâncias são fundamentais para combater a associação entre o consumo de drogas e a violência doméstica. (AMARIJO et al., 2022).

4.3 O TIPO DE ABORDAGEM E OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS ENFERMEIROS NO ATENDIMENTO A MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

A abordagem no atendimento as mulheres vítimas das diversas formas dessa violência na atenção básica é um desafio multifacetado, inserido na complexa teia de fatores políticos, legais e culturais. (SANTOS et al., 2018).

A rede de atendimento, que inclui serviços como a Estratégia de Saúde da Família e o Núcleo de Apoio à Saúde da Família, desempenha um papel fundamental na identificação e encaminhamento dos casos, buscando a integralidade e a humanização no atendimento, como apontado por Carneiro et al. (2021).

As diretrizes legais aplicáveis da lei 10.778, dizem que profissionais da área da saúde, incluindo médicos, cirurgiões-dentistas, enfermeiros e auxiliares, são orientados a notificar tanto os casos suspeitos quanto os confirmados de violência contra a mulher às autoridades sanitárias. Essa notificação deve ser feita tanto por equipe profissional quanto pela instituição responsável pelo atendimento às vítimas,

abrangendo diversos locais de assistência, sejam eles públicos ou privados. (SANTOS et al., 2018).

A notificação dos casos é destacada como crucial para dar visibilidade à violência, porém, os enfermeiros frequentemente expressam incertezas sobre sua execução. (SANTOS et al., 2018). Isso, juntamente com a relutância das vítimas em obrigação com as denúncias, apresenta desafios importantes para os profissionais da área, conforme mencionado por Carneiro et al. (2021) e Mota e Aguiar (2020).

Como aponta Amarijo et al., (2018), é essencial que os profissionais que lidam diretamente com o atendimento às vítimas compreendam as implicações para além do aspecto conceitual. Eles devem ultrapassar as barreiras que limitam uma atuação mais eficaz, compreendendo a importância de conhecer a rede de apoio. Isso permite orientar as mulheres e encaminhá-las aos serviços adequados, além de adotar uma abordagem que valoriza as queixas e marcas emocionais, não se restringindo apenas às marcas visíveis de lesões físicas. Isso contribui para qualificar o cuidado em uma dimensão afetiva e expressiva.

No estudo de Santos et al., (2018), é dito que é fundamental que os profissionais da área da saúde adquiram conhecimento sobre os diferentes tipos e formas de violência, sejam capazes de identificá-las precocemente e promovam ações direcionadas à prevenção e ao desencorajamento da violência.

A representação social para cada indivíduo acerca da Violência Doméstica Contra a Mulher (VDCM) impacta diretamente na atuação dos profissionais, influenciando a detecção e o desfecho dos casos, como enfatizado por Amarijo et al., (2018). Esta representação pode tanto fortalecer a detecção como limitá-la, afetando a garantia dos direitos das mulheres.

Dentro desse contexto, é fundamental a compreensão das condições que afetam o cuidado à saúde da mulher em casos de violência conjugal, especialmente no contexto da Estratégia de Saúde da Família (ESF). Identificar tais condições pode direcionar estratégias externas para a prevenção de danos decorrentes das consequências dessa violência, inclusive na prevenção do feminicídio. (CARNEIRO et al., 2021).

De acordo com análises apresentadas em estudos brasileiros e de origem palestina, a deficiência na preparação dos profissionais da saúde no âmbito da violência está associada à urgência de um treinamento que contemple a abordagem da violência em conjunto com a assistência à saúde biopsicoespiritual de mulheres que enfrentam essa problemática. (CARNEIRO et al., 2021).

A capacitação profissional é apontada como fundamental por Carneiro et al., (2021) e Santos et al., (2018). Uma formação adequada, desde a academia até a prática profissional, permitiria uma abordagem mais eficaz, capacitando os enfermeiros para lidar com a violência, inclusive em suas diferentes formas e consequências.

Para Mota e Aguiar (2020), identificar casos de violência sexual nos serviços de saúde torna-se uma tarefa desafiadora devido à complexidade inerente à sua abordagem, uma vez que tanto o silêncio por parte da vítima quanto dos profissionais acaba obscurecendo essa situação preocupante.

Santos et al., (2018), afirma que é evidente que o silêncio mantido pelas mulheres em relação às situações de violência está frequentemente associado ao fato de os agressores serem, em muitos casos, seus parceiros íntimos ou membros de suas famílias.

Por isso Mota e Aguiar (2020) afirmam que a abordagem das vítimas deve ser realizada por meio de questionamentos indiretos, uma vez que essa estratégia estimula as vítimas a se expressarem sobre a situação de violência que enfrentam, permitindo assim o início ou a continuidade da assistência. Carneiro et al., (2022), ainda complementa com a importância de se estabelecer uma ligação sólida entre profissionais e pacientes desde o primeiro contato, na identificação ou suspeita de violência. Essa confiança é considerada vital devido aos obstáculos que as mulheres enfrentam ao compartilhar detalhes de sua vida pessoal, muitas vezes associados a assuntos de natureza íntima ou privada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou a complexidade da pauta da violência direcionada e refletida a mulher no Brasil, revelando assim suas múltiplas facetas, desafios e impactos na sociedade contemporânea. Desde as manifestações cotidianas até as implicações estruturais enraizadas na cultura e na interação social, a violência de gênero se perpetua em diferentes formas, estabelecendo obstáculos para as mulheres que sofrem esse tipo de agressão.

A análise das fontes consultadas apontou para um problema enraizado na cultura e na dinâmica familiar, evidenciando a necessidade de um esforço multidisciplinar para lidar com essa questão. A perpetuação da violência de gênero ao longo das gerações e sua naturalização dentro do ambiente familiar são aspectos fundamentais a serem enfrentados.

Os profissionais de enfermagem emergem como atores fundamentais no enfrentamento e na prevenção da violência contra a mulher, atuando tanto na identificação precoce quanto na oferta de suporte e encaminhamento adequados para as vítimas. A importância do acolhimento, da escuta ativa e do conhecimento sobre as diferentes formas de violência se destaca como elementos-chave para o enfrentamento desse problema.

Os desafios enfrentados pelos profissionais de enfermagem na atenção primária são numerosos. Desde a dificuldade na identificação precoce até a relutância das vítimas em denunciar, os profissionais se veem diante de obstáculos que exigem aprimoramento constante e capacitação adequada. A necessidade de treinamento específico desde a graduação até a prática profissional é uma demanda essencial para possibilitar uma atuação mais eficaz diante da violência de gênero.

Além disso, a complexidade da abordagem, especialmente em casos de violência sexual, requer estratégias sensíveis, que garantam a confiança e a segurança para que as vítimas se sintam encorajadas a expressar suas experiências.

A legislação existente, como a Lei Maria da Penha, oferece um suporte legal para a proteção das mulheres, mas a implementação eficaz de leis como essa ainda se depara com desafios, incluindo a notificação eficaz de casos suspeitos ou confirmados de violência.

Por fim, a necessidade de uma mudança cultural e estrutural é fundamental para o combate eficaz à violência contra a mulher. Isso requer não apenas a atuação dos profissionais de saúde, mas também políticas públicas, educação continuada e um esforço coletivo para desconstruir os padrões de desigualdade de gênero que ainda permeiam a sociedade.

Assim, o enfrentamento da violência contra a mulher não exige apenas uma atuação direta no suporte às vítimas, mas também abordagem sistêmica que busca transformações profundas e rigorosas em toda a estrutura social.

6 REFERÊNCIAS

ACOSTA, Daniele Ferreira et al. Representações sociais de enfermeiras acerca da violência doméstica contra a mulher: estudo com abordagem estrutural. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. v. 39, e. 61308. p. 1-8, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/94ydx8ZRYjZNGc6c83CN9Gx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

AGUIAR, Ricardo Saraiva. O cuidado de enfermagem à mulher vítima de violência doméstica. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**. v. 3 (2), p. 723-731, mai/ago 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/recom/article/view/358/436>>. Acesso em: 05 ago. 2023.

AMARIJO, Cristiane Lopes; BARLEM, Edison Luiz Devos; ACOSTA, Daniele Ferreira; *et al.* Assimilação teórica e prática da violência doméstica: profissionais de enfermagem atendendo vítimas na atenção primária. **Rev. enferm. UERJ**, v. 26, p. e33874–e33874, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/33874>>. Acesso em: 05 set. 2023.

AMARIJO, Cristiane Lopes; SILVA, Camila Daiane; ACOSTA, Daniele Ferreira; *et al.* Dispositivos de poder empregados por homens na violência doméstica contra a mulher: perspectiva de enfermeiros. **J. nurs. health**, v. 12, p. 2212120931–2212120931, 2022. Disponível em:

<<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/JONAH/article/view/4257>>. Acesso em: 05 set. 2023.

ANDRADE, Mário César Rezende. O papel das revisões de literatura na produção e síntese do conhecimento científico em Psicologia. **Gerai**: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 14, n. SPE, p. 1–5, 2021. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v14nspe/01.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2023.

BRASIL. **Lei n. 11.340**, de 07 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher e outras atribuições. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 01 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.436**, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2017. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html>. Acesso em: 01 ago. 2023.

BUENO, Samira; WARMLING BARROS, Betina; LAGRECA CARDOSO, Amanda; *et al.* Violência contra mulheres em 2021. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-contra-mulheres-em-2021/>. Acesso em: 05 set. 2023.

CARNEIRO, Jordana Brock; GOMES, Nadirlene Pereira; CAMPOS, Luana Moura; *et al.* Contexto da violência conjugal em tempos de maria da penha: um estudo em grounded theory. **Cogit. Enferm. (Online)**, v. 24, p. e59431–e59431, 2019. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-85362019000100327>. Acesso em: 06 set. 2023.

CARNEIRO, Jordana Brock; GOMES, Nadirlene Pereira; CAMPOS, Luana Moura; *et al.* Theoretical-explanatory model of the care provided to women in situations of

violence in primary health care. **Texto & contexto enferm**, v. 31, p. e20200639–e20200639, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tce/a/7TF3ZT9VttdnVxtZdVhg6Ds/?lang=en>>. Acesso em: 06 set. 2023.

CARNEIRO, Jordana Brock; GOMES, Nadirlene Pereira; DE ALMEIDA, Lilian Conceição Guimarães; *et al.* Condições que interferem no cuidado às mulheres em situação de violência conjugal. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm**, v. 25, p. e20210020–e20210020, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/mddcddNC37JqwwkYMQmP6mt/?lang=pt>>. Acesso em: 05 set. 2023.

MENDONÇA, Carolina Siqueira; *et al.* Violência na Atenção Primária em Saúde no Brasil: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**. São Paulo, v. 25 (6), p. 2247-257, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/5GyqvZVTTXQLnSbVwcZ6QvL/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 06 ago. 2023.

MOTA, Juliana Arrais; AGUIAR, Ricardo Saraiva. Percepções de enfermeiros da atenção primária no atendimento às mulheres vítimas de violência sexual. **Nursing (São Paulo)**, p. 3848–3651, 2020. Disponível em: <<https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/488/462>>. Acesso em: 05 set. 2023.

ROCHA, Sileuza da Silva Meira; SOKOLONSKI, Ana Rita. Violência contra a mulher no período da COVID-19. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**. Salvador, v. 21, n. 3, p. 650 – 656, set./dez., 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/52005/28351>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

SAFIOTTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular e Fundação Perseu Abramo, 2015. Disponível em:

<https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/10/genero_web.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2023.

SANTOS, Silvana Cavalcanti dos; BARROS, Patricia de Albuquerque; DELGADO, Rafaella França de Araújo; *et al.* Violência contra a mulher: como os profissionais na atenção primária à saúde estão enfrentando esta realidade? **Saude e pesqui. (Impr.)**, v. 11, n. 2, p. 359–368, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/6665>>. Acesso em: 05 set. 2023.

SEHNEM, Graciela Dutra; LOPES, Eveline Barbosa; TIER, Cenir Gonçalves; *et al.* Violência contra as mulheres: atuação da enfermeira na atenção primária à saúde. **Rev. enferm. UFSM**, p. e62–e62, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/35061/html>>. Acesso em: 07 set. 2023.

SILVA, Viviane Graciele da; RIBEIRO, Patrícia Mônica. Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária à saúde. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm**, v. 24, p. e20190371–e20190371, 2020. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452020000400216>. Acesso em: 07 set. 2023.

SOUZA, Lídia de Jesus; FREITAS, Rita de Cássia Pereira. Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de Covid-19, **Revista Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, n. 144, p. 213-232, maio/set., 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/RWf4PKDthNRvWg89y947zgw/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 04 ago. 2023.

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Revista Brasileira de Epidemiologia**. Espírito Santo, v. 23, e. 200033, p. 1-5, abril, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-549720200033>>. Acesso em: 01 ago. 2023.